

*A mimesis na literatura contemporânea:
uma análise do poema Domingo de Samba, Domingo de Sangue*

João Elias da Cruz Neto*

Introdução

Domingo de Samba, Domingo de Sangue é um poema do crítico literário, ensaísta, jornalista, antologista e poeta Ricardo Vieira Lima, que é Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Em 2021, ele publicou seu livro de estreia *Aríete - poemas escolhidos*, com uma seleção de seus poemas escritos nos últimos anos, entre eles, *Domingo de Samba, Domingo de Sangue*. Esse mesmo poema já havia sido publicado anteriormente, em 2020, na antologia *80 balas, 80 poemas*, em que 80 poetas de todo o país escrevem poemas sobre o mesmo tema, e em sites da internet, como o da revista *mallarmargens*, da edição de fevereiro de 2020.

No final do poema há a data de 07 de abril de 2019, escrita pelo autor, que também datou outros poemas, como *Motivo da Rosa*, com a data de 04 de abril de 2018, e *Indagações de Hoje*, de 14 de março de 2019. A data faz referência ao dia em que o músico e segurança Evaldo dos Santos Rosa, 51 anos, foi alvejado por, pelo menos, 80 tiros, desferidos por militares do Exército Brasileiro.

Neste artigo, vamos analisar o poema, levando em consideração as informações jornalísticas divulgadas sobre o assassinato do músico, sua relação com o fato e as características próprias do poema, mas antes, vamos fazer uma associação entre literatura e realidade, destacando diversos conceitos de mimesis desde a antiguidade clássica.

O conceito de mimesis

As relações entre literatura e realidade sempre estiveram em discussão. Na antiguidade clássica, o poeta grego Heródoto (484-425 a.C.) foi o primeiro a utilizar o conceito de mimesis para fazer essa associação. De acordo com o Dicionário de Termos Literários, mimesis “designa a ação ou faculdade de imitar; cópia, reprodução ou representação da natureza” (CEIA, 2010).

O filósofo Platão (428-348 a.C.) utilizou o conceito de mimesis no livro *A República*,

*Cruz Neto é aluno do Mestrado em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana. Este artigo foi elaborado como requisito parcial da disciplina Teoria e Crítica. E-mail: cruznetojoaoelias@gmail.com

em que ele procura reproduzir o diálogo entre Sócrates e Glauco, relacionando-o com diversos domínios como a linguagem, a política, a moral e a educação. No Livro X, Sócrates explica que um poeta é um imitador e está afastado três graus da verdade, pois o que existe primeiro é a ideia que se tem do objeto; o segundo é o objeto realizado e o terceiro é a representação do objeto. “Todos os poetas, a começar por Homero, são simples imitadores das aparências da virtude e dos outros assuntos de que tratam, mas que não atingem verdade” (PLATÃO, 2006).

Já Aristóteles (384-322 a.C), que foi discípulo de Platão, na obra *A Poética*, especificou a mimesis na área artística e, segundo ele, o imitar é característico do homem que, por meio da imitação, adquire seus primeiros conhecimentos. Aristóteles (1966) ressalta ainda que, mesmo que as ações da personagem não sejam coerentes com o mundo real, é necessário que sejam coerentes dentro da história, libertando a obra de ser cópia da realidade. “Tanto na representação dos caracteres como no trecho das ações, importa procurar sempre a verossimilhança e a necessidade; por isso, as palavras e os atos de uma personagem de certo caráter devem justificar-se por sua verossimilhança e necessidade” (ARISTÓTELES, 1966).

Já na contemporaneidade, Costa Lima (1980) enfatiza a representação do real como uma representação sob uma perspectiva ideológica e diz que Aristóteles não percebeu as relações entre mimesis e representação social, ao “não vê-la como um de seus modos” (COSTA LIMA, 1980). Ainda de acordo com Costa Lima (1981), do ponto de vista do produtor,

o próprio da mimesis consiste em, através de um uso especial da linguagem, fingir-se outro, experimentar-se como outro ou ainda usar a linguagem, não como meio de informação, mas como espaço de transformação, cumpridas não em função de um referente a que descreveria, mas possibilitadas pela própria ideia verbalmente formulada. (COSTA LIMA, 1981, p. 11/12)

E Candido (1993) revela que o realismo, estritamente concebido como representação mimética do mundo, pode não ser o melhor condutor da realidade e talvez a realidade se encontre mais em elementos que transcendem a aparência dos fatos e coisas descritas do que neles mesmos.

Se considerarmos Realismo as modalidades modernas, que se definiram no século XIX e vieram até nós, veremos que elas tendem a uma fidelidade documentária que privilegia a representação objetiva do momento presente da narrativa. No entanto, mesmo dentro do Realismo, os textos de maior alcance procuram algo mais geral, que pode ser a razão oculta sob a aparência dos fatos narrados ou das coisas descritas, e pode ser a lei destes fatos na sequência do tempo. (CANDIDO, 1993, p. 123)

Mais recentemente ainda, Compagnon (1999) faz uma nova leitura de *A Poética* e diz que Aristóteles não faz referência às relações entre a literatura e a realidade ao estudar a mimesis e, sim, à produção da ficção poética verossímil. “Resumindo, a mimesis seria a representação de ações humanas pela linguagem, ou é a isso que Aristóteles a reduz, e o que lhe interessa é o arranjo narrativo dos fatos em história: a poética seria, na verdade, uma narratologia”(COMPAGNON, 1999). Também segundo Compagnon (1999), ler com vistas à realidade é enganar-se sobre a literatura; lê-se pela referência da literatura a ela mesma.

O referente não existe fora da linguagem, mas é produzido pela significação, depende da interpretação. O mundo sempre é já interpretado, pois a relação linguística primária ocorreu entre representações, não entre a palavra e a coisa, nem entre o texto e o mundo. Na cadeia sem fim nem origem das representações, o mito da referência se evapora. (COMPAGNON, 1999, p. 99)

Hodiernamente, Pellegrini (2008) refuta totalmente essa ideia. Pellegrini (2008) diz que é inadmissível aceitar que a literatura esteja voltada apenas para si e que não representa nada além do próprio texto e ressalta que ainda hoje se pode usar o conceito de realismo

para significar uma tomada de posição diante de novas realidades (postura), expressas justamente na característica especial de observação crítica muito próxima e detalhada do real ou do que é tomado como real (método), que em literatura não só a técnica descritiva representou e muitas vezes ainda representa, ao lado de outras, podendo, deste modo ser encontrada em várias épocas, como refração da primeira. (PELLEGRINI, 2008, p. 149)

Acreditamos que a literatura, muitas vezes, tem relação com o mundo, podendo ser analisada de acordo com os acontecimentos da vida real. E é nesse sentido que, no próximo tópico, vamos mostrar a repercussão do assassinato do músico Evaldo dos Santos Rosa, que foi divulgado em diversos meios de comunicação do país e até do exterior.

Caso 80 tiros: impacto na mídia e na sociedade

No dia 07 de abril de 2019, data que está escrita após o poema, o programa *Fantástico* da *Rede Globo*, principal programa da televisão brasileira que apresenta reportagens jornalísticas aos domingos, exibiu uma reportagem de três minutos e 19 segundos sobre o assassinato do músico Evaldo dos Santos Rosa, no Rio de Janeiro (RJ).

De acordo com a reportagem, “foram pelo menos 80 disparos”, “testemunhas acusam homens do exército que patrulhavam a região da vila militar em Deodoro, zona oeste do rio”, “os tiros mataram o motorista”, “Evaldo Rosa dos Santos, de 51 anos, era músico e segurança”, “a família ia para um chá de bebê com o filho de sete anos e uma amiga do casal”, “a gente saiu do carro, eu (a amiga) corri com a criança e ela (a esposa) também. A

gente saiu do carro e, mesmo assim, eles continuaram atirando: o Exército”, “tinha um morador passando aqui na hora, que tava aqui no meio, foi tentar ajudar o padastro e também foi atingido no peito”.

O caso chamou a atenção de toda a mídia nacional e foi divulgado por meios de comunicação impresso, portais da internet e emissoras de televisão, como a revista Carta Capital, o portal UOL, o portal G1, o Jornal da Record, a revista Veja e o jornal Zero Hora. Também foi destaque em meios de comunicação no exterior, entre eles, o jornal Clarin, de Buenos Aires; e o The Guardian e a BBC, de Londres.

No dia seguinte (08/04), *hashtags* como *Vidas Negras Importam* e *Oitenta Tiros* ocuparam os *Trending Topics* do Twitter, que exibem os assuntos mais comentados da mídia social. Somente o jornal O Estadão, que também tem um site de notícias na internet, publicou 12 reportagens, em seis dias, durante o período de 08 a 18 de abril de 2019, com os seguintes títulos:

Data	Hora	Título
08/04	09h58	‘Tudo indica que militares confundiram o carro da família com o de assaltantes’, diz delegado
08/04	14h56	‘Policiais ficaram de deboche’, diz mulher de músico morto em carro metralhado no Rio
10/04	00h17	Porta-Voz classifica fuzilamento como ‘incidente’ e diz que Bolsonaro não manifestou pesar
10/04	12h19	‘Vamos apurar e cortar na própria carne’, diz ministro da Defesa sobre 80 tiros em veículo no Rio
10/04	14h31	Bolsonaro mandou apurar o ‘que tem que ser apurado’, diz ministro da Defesa sobre 80 tiros no Rio
10/04	15h36	Nove dos dez militares que fuzilaram músico seguirão preso
10/04	18h40	Ação militar contra carro de músico não tem respaldo legal, dizem entidades
11/04	10h00	Quem paga a conta do silêncio de Bolsonaro sobre os ‘80 tiros’ são só militares e o Exército
12/04	14h17	‘O Exército não matou ninguém’, diz Bolsonaro sobre morte de músico após 80 tiros no Rio
12/04	20h49	‘Incidente lamentável’, diz Moro sobre morte de músico após 80 tiros no Rio
14/04	15h54	Manifestações no Rio lembram assassinatos de Marielle Franco e do músico Evaldo Rosa
18/04	08h32	Morre catador ferido ao tentar ajudar músico fuzilado com 80 tiros do Exército (a morte foi no dia 17 de abril)

Domingo de Samba, Domingo de Sangue: descrição e análise

No poema *Domingo de Samba, Domingo de Sangue*, há uma epígrafe, retirada do livro *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, lançado em 1953. A obra é dividida em cinco partes, possui 85 romances e conta a história da Inconfidência Mineira, que ocorreu em 1789, com a participação de intelectuais, militares e até padres que lutavam contra a dominação portuguesa.

A epígrafe é a última estrofe do *Romance LXXXI ou Dos ilustres assassinos: Ó soberbos titulares,/ tão desdenhosos e altivos!/ Por fictícia austeridade,/ vãs razões, falsos motivos,/ inutilmente matastes:/ – vossos mortos são mais vivos;/ e, sobre vós, de longe, abrem/ grandes olhos pensativos./*. Esses versos se dirigem aos representantes da coroa portuguesa que são retratados como os assassinos e ressaltam que os mortos são mais importantes que eles.

O poema já começa ressaltando o fato de uma notícia provocar tanta dor: “*Eu não posso acreditar na notícia de hoje./ Eu não posso fechar meus olhos./ Mas faço isso agora, diante de tanta dor/*.”.

Em seguida, destaca o personagem principal da notícia e traz algumas informações sobre ele: “*Evaldo tem samba no sangue./ Evaldo dos Santos Rosa, 51 anos, músico e segurança,/ também conhecido como Manduca, toca cavaquinho/ no grupo de samba Remelexo da Cor/*”. Nesses versos, percebemos também que as informações vão além daquelas que foram transmitidas no dia do assassinato. Ainda não havia sido divulgado que Evaldo participava de um grupo de samba. E, com essa informação, o autor faz uma correlação que Evaldo tem samba no sangue, querendo dizer que o samba faz parte da vida dele.

O autor relaciona a profissão do personagem (segurança) com o motivo da morte (falta de segurança) e também por ser negro, evidenciando o racismo na sociedade brasileira, e ainda enfatiza bastante as palavras negro e branco. “*Evaldo não sabe, mas, mesmo sendo segurança,/ vai morrer por falta de segurança, e por ser da cor./ Está num carro branco com sua família,/ a caminho de um chá de bebê, quando é confundido/ com um assaltante negro, que acabara/ de roubar um carro branco/*”.

Nos versos posteriores, o autor evidencia mais uma vez o racismo, mencionando as condições em que se deu a morte. “*Evaldo não sabe, mas um homem negro/ não pode dirigir um carro branco./ Em razão disso, o Exército Brasileiro, sem qualquer sinalização ou advertência, lhe desfere 257 tiros, dos quais 80 na direção correta/*”. Na época, os noticiários divulgaram a quantidade de tiros como ressaltava o poema, mas, posteriormente, esse número foi revisto e passou a afirmar que foram 83 disparos contra o veículo.

“Não param de atirar, nem mesmo após a saída/ da esposa e do filho do músico do carro,/ implorando por ajuda/”, continua o autor narrando detalhes do ocorrido naquele dia, sem citar a amiga da família e o pai da esposa de Evaldo que também estavam no carro.

“A ajuda não vem dos militares, mas de um morador/ de rua, Luciano Macedo, 28 anos, catador de lixo,/ que também não sabe que um morador de rua/ catador de lixo não pode socorrer um homem negro/ ferido, dentro de um carro branco./”. Nesse trecho, o narrador introduz mais um personagem da história e destaca, mais uma vez, a oposição entre as palavras branco e negro.

O narrador continua contando que *“Em razão disso, o Exército Brasileiro, sem qualquer/ sinalização ou advertência, lhe desfeve um tiro/ no peito, que o matará uma semana depois./”* e percebemos novamente que o poema foi feito após a morte do catador que, na verdade, ocorreu dez dias após ter recebido o tiro e não uma semana.

E, então, o poema vai além do assassinato e passa a contar a história da companheira do morador em situação de rua. *“Daiane Horrara, 27 anos, companheira de Luciano/ e moradora de rua como ele, presencia tudo./ Está grávida de cinco meses./ Não fez o pré-natal, não tem enxoval,/ nem sabe que seu filho irá nascer sem pai./”*. Ou seja, este trecho mostra a situação de Daiane, mas que não é só a dela, é a situação de milhares de pessoas que vivem em situação de rua e não recebem nenhum apoio do Estado.

O autor, então, muda a ordem das palavras na frase dita no início do poema e agora diz que *“Evaldo tem sangue no samba./”*, destacando a morte do samba de Evaldo, que é a sua própria morte. E complementa: *“O samba de Evaldo se vai./ O sangue de Evaldo se esvai./ Evaldo sambou./”*. Ele utiliza a palavra “samba” inicialmente em sentido denotativo e, no final do outro verso, utiliza a palavra “sambou”, em sentido conotativo. Ou seja, Evaldo não tem mais samba nem sangue, pois morreu.

“Aparentemente, tornou-se um número a mais,/ parte integrante da cruel estatística que reúne,/ a cada ano, quase 60 mil vítimas de homicídio,/ em sua maioria negros jovens pobres./ Evaldo sambou./”. O narrador, então, amplia a questão e mostra o número de homicídios no país, destacando que os negros jovens pobres são as principais vítimas e podemos comprovar mais uma vez que o racismo é dominante na sociedade brasileira. No entanto, há uma discrepância dos números de assassinatos em relação ao divulgado pelo Atlas da Violência, publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). De acordo com o IPEA, o número de homicídios no Brasil nos últimos anos foram os seguintes: 2020 (49.868), 2019 (45.503), 2018 (57.956); 2017 (65.602) e 2016 (62.517).

“Mas sua morte aí está, para nos lembrar de que/ palavras como “acidente” e “fatalidade” não se/ aplicam à execução de um homem./ Evaldo sambou./”. Nesse trecho, o narrador faz referência direta ao presidente da República, Jair Bolsonaro, que, na verdade, classificou o assassinato como um “incidente” e não “acidente” como especifica o poema, e, também, ao, então, porta-voz da presidência e ministro da Segurança, Sérgio Moro, e ao comandante militar do sudeste, general de Exército Luiz Eduardo Ramos Baptista Pereira, que classificaram o assassinato como “fatalidade”.

“Mas sua morte aí está, para desmascarar/ governantes travestidos de snipers/ e para impedir a ampliação do conceito/ de legítima defesa no Congresso Nacional./”. O narrador, então, questiona a medida do governo (chama os governantes de snipers que são atiradores de elite) que deseja ampliar o conceito de legítima defesa em mortes envolvendo militares.

“Seu último samba atravessou, mas não foi/ executado por ele, e sim por uma tropa de/ assassinos verde-oliva, que lhe atravessou/ o caminho, neste domingo de samba e sangue./”. O autor volta a mencionar os membros do Exército, chamando-os de assassino, assim como, na epígrafe, os representantes do poder foram também chamados de assassino.

Por fim, o autor conclui o poema repetindo os três primeiros versos com que se iniciou e logo após coloca a data. *“Eu não posso acreditar na notícia de hoje./ Eu não posso fechar meus olhos./ Mas faço isso agora, diante de tanta dor./”*.

Nesse poema, percebemos claramente a relação do tema com o assassinato divulgado pelos meios de comunicação, embora notamos que o poema não retrate o acontecimento fielmente, como no momento em que diz que o morador em situação de rua morreu uma semana depois, quando, na verdade, foi 10 dias depois; ou, então, quando cita a quantidade de vítimas de homicídios no país que está um pouco acima dos números divulgados pelos meios oficiais.

Notamos, também, que o poema não se restringe à situação do assassinato, ou seja, na verdade, o poema parte do assassinato para denunciar também que as principais vítimas dos assassinatos no país são negros jovens pobres e para falar sobre os moradores em situação de rua que não recebem nenhuma assistência por parte dos órgãos públicos.

Levando em consideração os ensinamentos de Platão (2006), *Domingo de Samba, Domingo de Sangue*, assim como toda poesia (literatura), seria a cópia de uma cópia, por estar três graus afastada da verdade, e estimula o instinto e o julgamento, em vez de promover o lado racional do ser humano.

Já, de acordo com Aristóteles (1966), a obra não precisa ser uma cópia fiel da realidade, portanto, não é necessário que o autor descreva o fato tal como ocorreu e, se o leitor

não tem conhecimento do fato retratado, apreciará a obra apenas pelas frases descritas sem fazer nenhuma relação do contexto, ou seja, terá menos entendimento do que se trata.

De forma semelhante falando sobre a importância do leitor, Costa Lima (1980) ressalta que a “produção ativa do leitor torna o esquema da obra em representação de realidades diversas, de acordo com a ativação que dele faz” (COSTA LIMA, 1980). Ou seja, dependendo do seu conhecimento, o leitor vai realizar sua interpretação a respeito da obra. E, relacionando com seus ensinamentos, percebemos que o autor, ao fazer um uso específico da linguagem, utiliza-a não como meio de informação para descrever algo a que se refere, mas, se apropriando de seus recursos próprios, transforma-a em algo mais que a própria informação.

Podemos, também, enquadrar esse poema como realista, pois, como diz Pellegrini (2008), representa uma tomada de posição diante de uma realidade, no caso, o assassinato de um homem negro, expressa numa observação crítica e detalhada do real e, de acordo com Candido (1993), poderíamos dizer que este poema privilegia a representação subjetiva do momento presente da narrativa, apesar de conter outros elementos mais gerais.

Considerações Finais

Por fim, podemos enquadrar esse poema na estética do novo realismo que, de acordo com Schollammer (2009), se expressa pela vontade de relacionar a literatura e a arte com a realidade social e cultural da qual emerge, incorporando essa realidade esteticamente dentro da obra e situando a própria produção artística como força transformadora.

Essa procura por um novo tipo de realismo na literatura é movida, hoje, pelo desejo de realizar o aspecto performático e transformador da linguagem e da expressão artística privilegiando o efeito afetivo e sensível em detrimento da questão representativa. Enquanto aquele realismo engajado estava solidamente arraigado no compromisso representativo da situação sociopolítica do país, as novas formas passam necessariamente por um questionamento das possibilidades representativas num contexto cultural predominantemente midiático. Trata-se, então, de um deslocamento claro em relação à tradição realista, mesmo que esta permaneça presente, em que a procura por novas formas de experiência estética se une à preocupação com o compromisso de testemunhar e denunciar os aspectos inumanos da realidade brasileira contemporânea. (SCHOLLAMMER, 2009, p. 57)

Ou seja, esse poema não é uma simples narração do acontecimento como se fosse uma notícia jornalística, pois o autor trabalha a linguagem, utilizando-se de métricas características da poesia. Além disso, o autor se utiliza de diversas figuras de linguagem, como metáfora, antítese e eufemismo, e outros recursos estilísticos como, por exemplo, quando fala que Evaldo tem samba no sangue e Evaldo tem sangue no samba, ou quando termina o poema

repetindo os mesmos versos do início como uma forma de exaltar a incredulidade ao ser informado da ocorrência, ou, ainda, utilizando a intertextualidade, quando coloca uma epígrafe.

O poema tem muita relação com o acontecimento do dia 07 de abril de 2019, mas, além de não ser uma cópia fiel do acontecimento, desenvolve diversas outras questões que estão presentes na sociedade atualmente e, com base nas informações, transforma o acontecimento em arte, por meio da linguagem própria da poesia.

Além disso, é necessário destacar que, nos últimos versos, o autor diz que não pode fechar os olhos, mas fecha diante da dor que a notícia lhe provoca; no entanto, percebemos que, ao escrever e divulgar o poema, o autor está bem atento e utilizando-se da arte para expressar sua indignação.

REFERÊNCIAS

Aristóteles. *Poética – introdução, tradução e comentários de Eudoro de Souza*. Porto alegre: Globo, 1966.

Atlas da Violência. IPEA. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/filtros-series/1/homicidios>>. Acesso em: 22 jul 2022.

CANDIDO, Antonio. Realidade e realismo. In: _____. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CEIA, Carlos. *Mimesis ou Mimese*. IN: E-Dicionário de Termos Literários, 20 jun 2010. Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/mimesis-mimese>>. Acesso em: 11 ago 2022.

COMPAGNON, Antoine. *O Mundo*. In: *O demônio da teoria: literatura e senso comum*; tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: editora UFMG, 1999.

COSTA LIMA, Luiz. *O Questionamento das Sombras: Mimesis na Modernidade*. IN: *Mimesis e Modernidade: forma das sombras*. Rio de Janeiro: edições Graal, 1980.

COSTA LIMA. *Representação Social e Mimesis*. In: *Dispersa Demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. Disponível em: <<https://doceru.com/doc/x1vcv5x>>. Acesso em: 10 jul 2022.

DANIEL, Claudio (organizador). *80 balas, 80 poemas*. Disponível em: <<https://www.revistazunai.org/80-balas-80-poemas>>. São Paulo: Zunái, 2020.

Evaldo dos Santos Rosa. Estadão. Disponível em: <<https://busca.estadao.com.br/?q=evaldo%20dos%20santos%20rosa>>. Acesso em: 18 jul 2022.

Evaldo dos Santos Rosa. Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://search.folha.uol.com.br/?q=evaldo+dos+santos+rosa&site=todos>>. Acesso em: 22 jul 2022.

LANNOY, Carlos de. *Homem morre depois que carro em que ele estava com a família foi fuzilado pelo Exército*. Rede Globo, 07 abr 2019. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7521583/?s=0s>>. Acesso em: 22 jul 2022.

OLIVEIRA, T. M. de, & Bazzanella, S. L. (2020). *Mimese, Verossimilhança e Catarse: contribuições de Aristóteles aos estudos literários*. *Revista Húmus*, 10(29). Disponível em: <<http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/14813>>. Acesso em: 20 jul 2022.

Pellegrini, T. (2008). *Realismo: postura e método*. In: *Letras De Hoje*, 42(4). Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/4119>>. Acesso em: 09 jul 2022.

PLATÃO. *A República*. Tradução Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Pentalogia Dialogal – 5 poemas do livro inédito Ariete, de Ricardo Vieira Lima. Revista Mallarmargens, 14 fev 2020. Disponível em: <<http://www.mallarmargens.com/2020/02/pentalogia-dialogal-5-poemas-do-livro.html>>. Acesso em: 20 jul 2022.

SALTARELLI, T. C. V. L. (2009). *Imitação, emulação, modelos e glosas: o paradigma da mimesis na literatura dos séculos XVI, XVII e XVIII*. *Aletria: Revista De Estudos De Literatura*, 251–264. <https://doi.org/10.17851/2317-2096.251-264>

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção Brasileira Contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SILVA, Carla Araujo Lima da. *Mimesis e Representação em O Visconde Partido ao Meio*. IN: Farias, Sonia L. Ramalho de; e Pereira, Kleiton Ricardo Wanderley [orgs.]. Recife: Pipa Comunicação, 2013. *Mimesis e Ficção*. Disponível em: <<https://issuu.com/pipacomunica/docs/mimesis-e-ficcao>>. Acesso em: 09 jul 2022.

Uma família negra teve o carro atingido por policiais do Exército sem motivos e revolta internet. Purebreak, 08 abr 2019. Disponível em: <<https://www.purebreak.com.br/noticias/morte-de-musico-negro-apos-ser-confundido-com-bandidos-pelo-exercito-causa-revolta-na-internet/85264>>. Acesso em: 20 jul 2022.